"EU ESPIONO, TU ESPIONAS, NÓS ESPIONAMOS...": UMA ANÁLISE DISCURSIVA E AS IMPLICAÇÕES DE SENTIDO

Héllen Nívia Tiago[1]

Resumo: A Análise do Discurso (AD) busca compreender a produção social dos sentidos e efeitos, tomando como objeto de estudo o próprio discurso materializado pela linguagem. Para a realização desta proposta, adotaremos a perspectiva teórico-metodológica da AD, na qual buscaremos por intermédio desse campo do saber, analisar os efeitos de sentido relacionados às condições de produção, memória e formação discursiva, através dos discursos produzidos a partir da polêmica da espionagem americana. Nosso arquivo de análise contará com manchetes de reportagens, publicadas virtualmente, e comentários de internautas acerca de tal. Para tanto, utilizaremos dos postulados de Michel Pêcheux, Maria do Rosário Gregolin, Cleudemar Fernandes e estudiosos da área.

Palavras-chave: Sentidos; Discurso; Espionagem; Pêcheux.

Abstract: The Discourse Analysis (AD) search to understand the social production of meanings and effects, taking as object of study the discourse itself materialized in the language. For the realization of this proposal, we will adopt a theoretical and methodological perspective of AD, which seek through this field of knowledge, to analyze the effects of meaning related to production conditions, memory and discursive formation, through the discourses produced from the controversy of American espionage. Our analyze´s archive will feature headlines of articles published virtually and comments from netizens about this. For this, we will use the postulates of Michel Pêcheux, Maria do Rosário Gregolin, Cleudemar Fernandes and scholars in the field.

Keywords: Senses; Discourse; Espionage; Pêcheux.

Entendendo o caso

No início de Setembro de 2013, foi exibido no programa de televisão da Rede Globo, "Fantástico", uma reportagem acerca de uma possível espionagem no sistema de inteligência (virtual) do Brasil, assim como interceptações de e-mails pessoais da presidente Dilma Rousseff. Posteriormente, outra reportagem apontou que os norte-americanos também espionaram a Petrobrás, maior empresa petrolífera/energética brasileira. Tais dados só foram possíveis pelo intermédio de Edward Snowden, ex-agente da NSA (National Security Agency), que deixou "vazar" alguns documentos.

[1] Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão. E-mail: hellennivia@hotmail.com

Diante dos fatos, neste trabalho, temos como objetivo central a análise de manchetes de distintos sites e comentários de internautas acerca de um mesmo tema (espionagem americana), consideramos que estes constituem um *corpus* de pesquisa discursivamente rico, pois mobilizam discursos polêmicos, marcam posicionamentos e estão em confluência, retomando discursos outros.

Nosso texto está dividido em seis seções, sendo que nas quatro primeiras discutiremos noções fundamentais e basilares para nossa proposta, sendo elas os efeitos de sentido, condições de produção, formação discursiva e memória, respectivamente. Na segunda parte e 5ª seção, teceremos as análises dos recortes (manchetes e comentários) tomados como objeto de análise, e por último, teceremos as conclusões alcançadas.

Assim, pensando em tal acontecimento discursivo, buscaremos, através dos discursos produzidos e publicados virtualmente, analisar os efeitos de sentido, relacionados às condições de produção, memória e formação discursiva, uma vez que, qualquer estudo da linguagem não pode deixar de levar em conta os aspectos da sociedade que a produz, os aspectos históricos, ideológicos e outros inerentes ao nosso estudo, no qual, vozes entrelaçam-se e passam a constituir "novos" discursos.

Discurso e efeito(s) de sentido(s)

O discurso se estrutura em um espaço entre a linguística e as ciências sociais, permitindo-nos trabalhar em busca dos processos de produção de sentido e de suas determinações histórico-sociais, o que implica o reconhecimento de que há uma historicidade inscrita na linguagem que não nos permite pensar numa existência de um sentido literal. Assim, passa-se a entender a linguagem enquanto produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva.

A AD toma os processos e as condições por meio dos quais se produz a linguagem e os efeitos de sentido que dela emergem, logo, o discurso se converte na tentativa de compreensão desse entremeio: sujeito – sentido – linguagem, na medida em que possibilita situar na historicidade a observação do modo como se constrói esse sujeito mediante a linguagem.

Nos estudos pecheutianos, o sentido se instaura no interior das formações discursivas (e ideológicas) e nunca é evidente. Para Pêcheux os sentidos são produzidos por sujeitos a partir de seus lugares de fala, conforme proposto:

> O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe "em si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literariedade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX & FUCHS, 1998, p. 160)

Podemos verificar que qualquer enunciado pode tornar-se outro, acentuado também a opacidade da linguagem, uma vez que esta é afetada pelo equívoco, ou seja, está sujeita à falhas, rupturas, logo o sentido também é perpassado, assumindo assim a não literalidade, ou seja, não existindo *a priori*, e afetado por manifestações ideológicas.

A partir de uma mesma base (a língua), os sentidos são atribuídos, verificando sempre sua inserção histórica e ideológica relacionando às posições ocupadas. As palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aquelas que as empregam, ou seja, "as palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra". (FERNANDES, 2011, p.28)

Todo processo discursivo, pressupõe efeitos de sentido num processo interlocutivo afetado pelas condições de produção, isto é, pela situação e pelo contexto histórico-social, que também são fixos, podendo sofrer deslocamentos como propõe Pêcheux "as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório." (ORLANDI, 2005, p.11).

Assim, consideramos o sentido enquanto produto determinado pelas posições ideológicas de quem o (re)produz, dentro de uma determinação histórico-social, discursivamente produzido, uma vez que, a língua constitui a condição da possibilidade do discurso e cabe ao analista do discurso investigar as condições de produção do discurso para averiguar os efeitos de sentido produzidos.

Linguagem: materialidade histórica

A Análise do Discurso se constitui como uma disciplina que promove uma releitura de conceitos advindos de outros lugares teóricos para a elaboração de seu quadro epistemológico. O trabalho da Análise do Discurso se situa, então, não na descrição do funcionamento interno da língua enquanto estrutura, mas na relação entre o linguístico, enquanto materialidade linguística, e o histórico, enquanto processo de produção de sentidos, que estabelece filiações e redes semânticas.

Tomando os pressupostos de Pêcheux, podemos dizer que o discurso pressupõe o sujeito e que este pressupõe a ideologia, dadas as condições históricas da produção discursiva e de sua enunciação, têm-se, além de seu sentido, os efeitos que ele provoca. O momento histórico-social de cada época apreende os vários discursos que são próprios e constitutivos de cada período. Assim, pensar na condição que permitiu a emergência dos enunciados analisados, é de extrema importância para verificar a língua(gem) em processo e o(s) sentido(s) atribuídos, uma vez que todo processo discursivo pressupõe efeitos de sentido num processo que é afetado pela situação, pelo contexto histórico-social, isto é, pelas condições de produção.

Michel Pêcheux (1969), em *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, define o que são as condições de produções de um discurso, reformulando o esquema informacional da comunicação proposto por Jakobson (1963). No modelo de comunicação formulado por Jakobson continha uma mensagem, um destinador (A) e um destinatário (B) e ambos estão empregados apenas para transmitir informações sem sofrer "interferências". Pêcheux propõe o discurso, substituindo o que era nomeado mensagem, explicando que este "não se trata necessariamente de uma transmissão de informações entre A e B, mas, de modo mais geral, de um 'efeito de sentidos' entre os pontos A e B" (p. 82). Há um distanciamento da proposta da teoria da comunicação (emissor, receptor, código, referente e mensagem) em relação à mensagem, uma vez que, na Análise do Discurso não se trata apenas da transferência de uma mensagem (ainda mais na linearidade proposta), pois não se trata apenas da transmissão da mensagem (informações), uma vez que esta implica as relações de sujeito e efeitos de sentido.

Ao mobilizar a noção de condições de produção do discurso, na base dos processos discursivos, além da materialidade simbólica, há também uma materialidade histórica, formada pelas relações sociais de uma determinada formação social, em meio às quais (e para as quais) os sujeitos históricos trabalham a formulação dos "seus" dizeres, aqui cabe a noção de formação discursiva, a qual está intrinsecamente relacionada às outras noções discutidas neste trabalho, e da qual trataremos a seguir.

O conceito de Formação Discursiva (FD) é central para o campo da Análise do Discurso, uma vez que este trata da relação regularidade e instabilidade no discurso, no que se refere aos sentidos.

> As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada em uma conjuntura dada. O dizer está pois ligado às suas condições de

> produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade. (ORLANDI, 2005, p. 11)

Conforme discute Orlandi, as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam, e pensar em FD é compreender o processo de sentidos (produção) e suas regularidades e possibilidades, em outras palavras, a FD determina o que se pode e deve ser dito numa conjuntura dada, implicadas pelo não sentido que as palavras têm delas mesmas, da implicância ideológica e da noção de metáfora (definida como a tomada e uma palavra pela outra), assim como pela referencia à FD, que é compreendido no funcionamento discursivo, podendo a mesma palavra significar diferentemente por sua inscrição em FD diferente.

Na interpretação há um mecanismo ideológico de apagamento, que produz evidências, mostrando a não transparência da língua e colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

A FD é a "matriz de sentidos que regula o que o sujeito pode e deve dizer, e, também, o que não pode e não deve ser dito" (COURTINE, 1994), funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito como de aliança. Esta noção deriva do conceito foucaultiano[2] (1987) que diz que sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva.

Toda FD é heterogênea, uma vez que, apresenta elementos advindos de outras formações discursivas, que são marcadas histórica e ideologicamente, por isso sujeita a modificações, ao tomarmos nosso arquivo de análise podemos verificar diferentes formações discursivas e diferentes efeitos de sentido dados pelas posições ocupadas mediante um mesmo tema, o qual discutiremos no item 6 deste trabalho. Conforme proposto por Fernandes (2005), embasado em Pêcheux e Foucault,

> Uma formação discursiva resulta de um campo de configurações que coloca em emergência os dizeres e os sujeitos socialmente organizados em um momento histórico específico. Porém, uma formação discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e,

[2] Embora a questão da "paternidade" da noção de Formação Discursiva (FD) seja discutida, entre Michel Pêcheux e Michel Foucault, não interfere no estudo que ora propomos, visto que, pretendemos em linhas gerais, apenas fazer uma breve discussão acerca de tal noção.

> consequentemente possibilitando outros efeitos de sentidos. (FERNANDES, 2005, p.55)

Podemos compreender que as FDs estão estreitamente relacionadas com as condições de produção, além de se relacionarem também com o ideológico, concebido na AD enquanto formações ideológicas. Acerca desta, podemos dizer que se trata, segundo Pêcheux, do complexo do que pode e deve ser dito dentro de uma posição, ou seja, o que possibilita ao sujeito inscrever-se em uma dada formação discursiva e não em outra (PÊCHEUX, 1969). Tendo em vista o processo de interpelação ideológica, podemos pensar em formação discursiva enquanto a projeção, na linguagem, ou seja, a materialização linguística das formações ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito dentro de uma formação social. E assim, podemos apreender que a formação social, diretamente relacionada com as condições de produção, representa o contexto sócio-histórico das formações discursivas. Nesse sentido, segundo Pêcheux, "as palavras, expressões, recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem" (PÊCHEUX, 1998, p. 263).

Sendo assim, para qualquer proposta de análise deve ser considerada a noção de formação discursiva, embora ela tenha sido "segregada" nos estudos de Michel Pêcheux, pois ela está intrinsicamente ligada à constituição de sentidos.

Filiações: o discurso e sua(s) memória(s)

Na Análise do Discurso, a linguagem é uma forma de interação, estabelecida além da comunicação e expressão. Nessa perspectiva, torna impossível desvincular os processos discursivos relativos ao social, história e à memória, para estabelecer sentido(s).

Conforme aponta Pêcheux, todo discurso se constitui a partir de uma memória e do esquecimento de outro, sendo assim, os sentidos se constroem por outros sentidos, não existindo *a priori*. Então o que possibilita que as palavras façam sentido? A noção de memória. Tal noção compreende algo falado anteriormente, em outro lugar, que corresponde a algo "já dito", entretanto ainda continua constituindo os nossos discursos e fazendo sentido.

> Pêcheux não separa categoricamente estrutura e acontecimento, relacionando a linguagem a sua exterioridade, ou seja, o interdiscurso. Ele define este como memória discursiva, o já-dito que torna possível todo o dizer. De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes, em outro lugar e independentemente. (ORLANDI, 2005, p. 11)

Orlandi considera a noção de memória discursiva enquanto constatação de que o discurso é um espaço simbólico multidimensional, logo, o gesto interpretativo é determinado pela sua relação com a memória e FD filiada. Os dizeres se atualizam no momento da enunciação, provocando um efeito de esquecimento, assim como um deslocamento da memória e os efeitos de sentidos. A memória discursiva integra um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos. Assim, o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória (já-dada) que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos.

Pêcheux aponta que os enunciados produzidos em outro momento da história podem ser atualizados ou rejeitados no "novo" discurso, que é relativo à sua condição de produção, imbricado à formação discursiva. Com a memória discursiva, os enunciados pré-construídos podem ser operados na formação discursiva de cada sujeito que ao produzir novos discursos estabelece relações com tudo o que já foi dito, com o interdiscurso e com sua memória discursiva.

Segundo proposto por Fernandes (2005), a memória não está no plano das recordações e lembranças que temos de algum fato. Para a AD, a noção de memória discursiva é uma condição do funcionamento discursivo, que é coletiva, e possibilita dizeres que se atualizam no momento da enunciação, além de tratar de "acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção" (FERNANDES, 2005, p.61). Deste modo, a memória está na ordem do enunciado, implicando repetição e esquecimento, assim como, legitima determinadas práticas. Os acontecimentos são filiados a outros, sustentado por uma memória discursiva, que é quem possibilita que os sentidos do que se diz sejam efetivados, e a memória permite que se retomem discursos e os regularize, oscilando entre o histórico e o linguístico, ao pensarmos na efetivação dos discursos dentro de determinadas práticas.

Com base nesta breve explanação acerca das noções constituintes da Análise do Discurso, de vertente francesa, passemos às análises do arquivo selecionado.

Espionagem X Segurança

Embasados no escândalo acerca da espionagem norte-americana e tomando como ponto de partida alguns conceitos relativos à Análise do Discurso, objetivamos verificar os efeitos

de sentido, as formações discursivas, as condições de produção e memória discursiva que emerge do recorte analisado.

Nosso arquivo é composto por quatro manchetes, publicadas em sites de cada jornal e/ou emissora de televisão virtuais, sendo, uma retirada do site da Globo (oglobo.com), uma UOL (noticias.uol), uma da Record (noticias.r7) e por fim uma manchete, que conduziu uma reportagem que saiu na Veja (veja.abril), dispostos aqui por data publicação, em ordem crescente. Para explorar melhor o tema, também analisaremos quatro comentários de internautas, os quais manteremos a identidade virtual em anonimato, nomeando-os de comentador [01], [02] e assim por diante.

Propomos uma reflexão, breve, acerca da sociedade atual, pensando que esta está perpassada pela era tecnológica/digital e é monitorada constantemente, seja através das câmeras de "segurança", seja através das redes sociais e outras tecnologias, tomando como norte a questão da espionagem.

Num primeiro momento, O Globo [A] publicou uma chamada em seu site oficial, no dia 24/09/13 às 10h54 e atualizado na mesma data às 13h59, no qual se intitulava "Em discurso na Assembleia Geral da ONU, Dilma condena espionagem americana". Tal reportagem aparece uma acusação (diante da plenária da 68ª Assembleia Geral das Nações Unidas) da então presidente do Brasil, Dilma Rousseff, acerca dos programas de espionagem, afirmando que o programa de espionagem é uma ação que fere os direitos humanos, e ainda, listou medidas que poderiam garantir a proteção dos usuários na rede mundial, segundo Rousseff, tal regulamentação tem como objetivo "impedir que o ciberespaço seja 'instrumentalizado como arma de guerra' ".

Na mesma data, às 11h06, o site R7(emissora Record) [B], publica "Dilma denuncia espionagem americana como "violação" de soberania", no qual a presidente reafirmava a condição de violação dos direitos humanos e soberania do país, tratando a espionagem como "´uma falta de respeito` que não pode ser justificada como luta contra o terrorismo."

Ainda no mesmo dia, às 22h47, o site UOL [C], publica a nota "Para especialistas, crítica de Dilma a espionagem foi resposta à opinião pública brasileira", a qual assinalava o posicionamento de um país acerca de tal fato, ou seja, contra, uma vez que esta fere a privacidade e os direitos humanos, além disso, especialistas da UOL, apoiaram a atitude da presidente, alegando ser uma ação positiva e tomando-a como "uma líder capaz de dar uma 'resposta altiva' ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama".

E para fechar com as entrevistas a serem analisadas, recortamos do site da VEJA [D], a publicação do artigo "Eu espiono, tu espionas, nós espionamos...", publicado em 17/11/13 às 15h30, relatando que a espionagem tem caráter rotineiro, na condição de "inteligência", afirmando ser ferramenta decisiva para tomada de posicionamentos do governo. O ex-assessor do ministério da Defesa (2001-2002), doutor em Ciência Política pela USP e mestre em Segurança Nacional pela Georgetown University, Rudzit, disse que "É um trabalho de rotina de qualquer governo sério. Todos fazem", afirmando que a inteligência além da espionagem e contraespionagem (espionagem interna), utiliza de coletas de dados, perfis psicológicos e feed back de notícias, buscando sempre acertar em suas decisões.

Tais manchetes, expostas anteriormente, discursivizam um acontecimento social, inserido num campo político e jurídico. Um mesmo fato noticiado por diferentes sites e com estratégias discursivas distintas promovem deslizamentos de sentidos, refletindo assim sobre os modos de produção de subjetividade e verdade.

Pensando nos enunciados recorrentes temos "direitos humanos", que aparecem em [A], [B] e [C] retomando a questão da violação da privacidade ao executarem as invasões virtuais nos dados do governo e dados pessoais, enquanto que na manchete propagada por [D], podemos verificar uma postura diferente das demais, silenciando um discurso contra e se posicionando a favor. Motivações diferentes (favor X contra) ou interesses distintos (atacar X defender), a escolha lexical tem razões próprias de ser, uma vez que se enquadra dentro de um contexto jornalístico.

Retomando o enunciado "espionagem", podemos verificar que para o site Globo, UOL e R7 espionagem significa violação, invasão da privacidade, em contra partida a revista

VEJA, se posicionou a favor, tomando espionagem como inteligência e necessário para o governo, ou seja, segurança para os EUA.

Neste acontecimento temos três formações discursivas- jurídica, política e midiática. Jurídica ao questionar os direitos humanos, principalmente no que se refere à privacidade; política ao que se refere às questões de interdependência entre os países e no abalo das relações políticas, uma vez que até mesmo uma viagem a negócios (da presidente) aos EUA fora cancelada por tal acontecimento; e midiática por tratar-se de um suporte jornalístico.

Ainda, é válido questionar os posicionamentos dos sites, uma vez que "uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram" (Fernandes, 2005, p. 48), e nesse caso, principalmente no critério político. Ao falar de um objeto ocorre a impressão do posicionamento ideológico, e o que verificamos maior disparidade foi em relação ao posicionamento da VEJA, que produz uma escrita jornalística promovendo uma oposição ao material publicado acerca da mesma temática, promovendo um deslizamento de sentidos, e essa posição é dada pela tomada partidária da revista, que por muito tempo vem se destacando por atacar o governo atual (pertencente ao PT- Partido Trabalhista).

Dos sites à opinião pública

> *(...) as dimensões próprias do enunciado são utilizadas na demarcação das formações discursivas. (Gregolin, 2004, p. 35)*

Conforme sabemos, as palavras mudam de sentido conforme FD que se filiam, desta maneira, achamos plausível analisar quatro comentários, recortados de sites diversos, a fim de avaliar qual a posição-sujeito e efeitos de sentidos provindos de tal polêmica no Brasil.

No comentário [01] verificamos a constituição de um discurso dado pela memória, retomando um momento político e condições de produção que o perpassava, ao tratar do governo de Jânio Quadros e os discursos mobilizados por ele, que implicava desde a "vigia" constante ao apelo evocado por seu slogan "*varre, varre, vassourinha, varre, varre a bandalheira*" incitando a corrupção, assim como, a necessidade de monitorar os envolvidos no meio político para dar fim aos "extravios" ocorridos.

> [01] Eles já espionam e grampeiam os cidadãos do mundo faz muito tempo. As "forças ocultas" (aquelas à que o Jânio quadros se referia) construíram esse sistema todo e caímos como uns patinhos…Você acha mesmo que quando passamos um e-mail e se alguém que tenha o poder/possibilidade/interesse de fazê-lo não o fará? Se alguém quiser te escutar no telefone, escuta e pronto…Eles espionam, os daqui

> espionam e pronto, não sejamos inocentes… É bobagem acharmos que somos livres de verdade, ainda não, um dia seremos…

Em [01], o comentador também discute a espionagem como algo do cotidiano, questionando a questão da liberdade e um futuro certeiro. Fazendo um apelo à questão da liberdade, questionando-a, e ainda, colocando-a à prova, de que um dia será possível afirmar tal liberdade. Assim, podemos dizer que tal discurso está filiado à uma determinada FD, de esquerda, ao afirmar no enunciado "construíram esse sistema todo" e em "ainda não, um dia seremos" ao tratar da liberdade, ou seja, referindo-se à possível mudança no governo, logo concepção de liberdade alterada, também.

No comentário [02] há um crítica aos EUA, enfatizando a busca contínua pelo poder(centralização), colocando a questão da segurança como "desculpa" para espionar o Brasil e demais países, assim como o discurso fatalista que aparece apenas no comentário [02], expressando assim a falta de perspectiva, a descrença em seu país, devido ao poderio americano:

> [02] Os EUA tentam a todo momento impor nitidamente um modelo de igualdade e fraternidade internacional postiço, em que o que se vê na prática é que ocorre um domínio e centralização de poder internacional nas mãos de um país de alta influência no plano externo, prejudicando concretamente a soberania dos estados internacionais, fazendo isso tudo não com o intuito de cautelar ações terroristas duvidosas por então, mas sim com intuito frenético de se auto munir de cada vez mais poder, lutando sempre para continuar no topo da hegemonia internacional, visando demonstrações públicas de força, no sentido latu sensu claro, aos seus prováveis futuros supressores, sendo estes a China e a Índia.

Podemos verificar, via enunciados, a filiação à determinada FD, dado pelo linguajar utilizado, um tanto mais técnico. Pensando em memória coletiva, ao enunciar "igualdade e fraternidade", podemos filiar à Revolução Francesa, no qual foi um período de mobilização política intensa e perpassada por transformações, além disso, tomavam como expressão máxima, lema dos revolucionários "Liberdade, Igualdade e Fraternidade". Em [02] a questão da liberdade, filiada ao jargão utilizada durante o período da revolução francesa, é suprimido, dado pelo poder, conforme assinala o internauta ao afirmar a "centralização do poder" e "demonstrações públicas de força".

No comentário [03] verificamos a constituição de um discurso dado por um momento político atual[3] e uma FD filiada à oposição ao governo vigente, demonstrando apatia ao

[3] Acusações ao Partido dos Trabalhadores- PT, acerca da compra de votos de parlamentares. Tal esquema ficou popularizado como mensalão, foi deflagrado no primeiro mandato do governo de Luís Inácio Lula da Silva (PT)

partido e se posicionando favorável à espionagem, imprimindo uma condição favorável, uma vez que o país é espionado, as falcatruas são descobertas e as medidas são tomadas.

> [03] tem mais que espionar mesmo ja chego o mensalão desse governo de bosta. GOVERNO QUE TRABALHA AS ESCONDIDAS NÃO MERECE CREDITO NEM DOS BRASILEIRO QUEM DIRA DOS DE FORA. Governo de merda. Já CHEGA!

No comentário [04] temos uma crítica aos EUA, afirmando que a espionagem, ao contrário do que se defende acerca da segurança do país (terrorismo) o que se busca são aquisições das riquezas do Brasil, uma vez, que se afirma "querem nosso petróleo" é discutido sobre a espionagem que ocorreu dentro da Petrobras, empresa petrolífera brasileira riquíssima, e em "[querem] nossa amazônia" refere-se às pesquisas americanas desenvolvidas em nossas terras. Tal discurso [04] implica um questionamento acerca da verdadeira intenção ao monitorar o Brasil, (re)significando o lexema espionagem.

> [04] os EUA fazem espionagem aqui no Brasil e como sempre toda desculpa é o tal "terrorismo".. me poupe né Estados Unidos.. vocês querem é sabe tudo daqui pra ser sempre o maior pais economicamente, querem nosso petróleo, nossa amazônia. Mas não vão conseguir.

Com as inovações tecnológicas, como a internet, o leitor deixa de ser o "receptor" de informações e passa a ser coprodutor, como no caso, em que demonstram seu posicionamento via comentários. Em relação às diversas tomadas de posicionamentos, podemos dizer que além da filiação à determinada FD, que regulariza os sentidos, as posições-sujeitos filiam-se à memória discursiva que os internautas, leitores das matérias jornalísticas *on line*, possuem sobre essa temática, pois este discurso está inserido em uma formação discursiva em que o tema político gera muitas discussões.

A espionagem americana evoca muitos posicionamentos, percutindo na emergência de diversos discursos, regulados pelas formações discursivas em que se inserem. Nos fragmentos analisados, podemos afirmar que o discurso da revolta é nitidamente percebido em todos os comentários, sejam favoráveis ou não à ação expiatória, e quando não, há uma revolta com o governo. Em "Eles espionam, os daqui espionam e pronto, não sejamos inocentes", "e como sempre toda desculpa é o tal 'terrorismo'. me poupe né Estados Unidos", o discurso de revolta é exteriorizado, exprimindo sentimentos de raiva e indignação.

---

e escancarado pelo deputado federal Roberto Jefferson (PTB – RJ), e pelo país continuar sendo governado por um representante do PT, as memórias evocadas são sempre repetíveis acerca do partido.

Em "GOVERNO QUE TRABALHA AS ESCONDIDAS NÃO MERECE CREDITO", ao verificarmos até mesmo a forma de grafia utilizada, a caixa alta, uma vez que na linguagem virtual tem sentido de gritar, ou seja, de expor aquilo que está acontecendo, assim como o uso da ironia, o uso de aspas e pontos de exclamação são recursos gramaticais recorrentes nos comentários recortados.

Conclusões

A Análise do Discurso tem como proposta a construção de um dispositivo de interpretação e tem como característica o que é dito, onde é dito, os efeitos de sentido e o que constitui o sujeito dentro desse aparato analítico, mas é válido ressaltar que a AD não busca o "verdadeiro" sentido, mas o real do sentido e sua materialidade histórica e linguística, no qual, no lugar da interpretação está o enunciado, uma vez que, este é sempre suscetível de tornar-se outro. É tarefa do analista explicitar as noções tratadas verificando os processos pelos quais ocorre a constituição e claro, considerando a (inter)relação da descrição e interpretação, conforme proposto por Orlandi (2012).

A inserção de novas práticas sociais advindas do uso da mídia, via internet, permite que seus usuários possam se expressar e opinar, quase que em tempo real, acerca das polêmicas e fatos do mundo todo. Tal acesso, facilitado, contribui na constituição identitária dos sujeitos, assim como as formações discursivas filiadas.

Na análise em questão, verificamos que a formação discursiva jurídica, jornalística e midiática acerca das manchetes publicadas, reflete uma condição de produção determinada, gerando (re)significações, em que o diálogo constante entre um discurso e outro (interdiscursividade) assume tal papel. Em relação aos comentários recortados, verificamos que o discurso de culpa impera, ou seja, a necessidade de estabelecer o certo e o errado, ou os culpados e inocentes (concepção maniqueísta).

Dado pelas condições de produção, memória discursiva ou inserção em determinada FD, verificamos os efeitos de sentido e interpretações diversas, na qual, relativo ao caso da espionagem americana, o lexema espionagem remete à monitoramento, logo segurança, em contra partida, para os brasileiros remete à invasão de privacidade, logo "olho grande" nos recursos do país.

Nas manchetes analisadas, podemos verificar que o posicionamentos dos sites, (recorrente à sua FD e FI) implicam na efetivação dos sentidos, ou melhor, promovem deslizamentos de sentidos. Nas reportagens de O globo, R7 e UOL a questão da violação da

privacidade ao executarem as invasões virtuais nos dados do governo e dados pessoais é priorizada, enquanto que para a VEJA a questão da espionagem é mantida como algo necessário para o desenvolvimento de um país. Assim, o enunciado espionagem, para o sites Globo, UOL e R7 referem-se à violação, invasão da privacidade, em contra partida para a revista VEJA, espionagem é tomado como inteligência e necessário para o governo, ou seja, segurança para os EUA.

Contudo, com base nas análises tecidas, podemos verificar o papel político dos sites e suas publicações, que tem como uma função regular a legitimidade das organizações sociais, dada pela visão de mundo e do pensamento institucionalizado. Esta construção, a guisa da objetivação/subjetivação de seus leitores, trabalha um incessante jogo de enquadramento de memória e de (re)definição dos acontecimentos, (re) significando-os constantemente, ou seja, espionagem enquanto segurança, espionagem enquanto lucros.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Formação discursiva, redes de memórias e trajetos sociais de sentido**: mídia e produção de identidades. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ORLANDI, Eni. Estudos da Língua(gem). **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso** - Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, junho de 2005. Campinas, Unicamp.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

_____. A análise do Discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 311-319.

_____. **Papel da memória**. In: ACHARD, Pierre. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2007.

TEXTOS ANALISADOS

A ESPIONAGEM norte americana no Brasil e a hegemonia dos Estados Unidos. Disponível em <http://mundorama.net/2013/10/12/a-espionagem-norte-americana-no-brasil-e-a-hegemonia-dos-estados-unidos-por-joana-soares/>**.** Acesso em 04 jan. 2014(comentário 02 e 03)

DILMA denuncia espionagem americana como violação de soberania. Disponível em <http://noticias.r7.com/internacional/dilma-denuncia-espionagem-americana-como-violacao-de-soberania-24092013>**.** Acesso em 03 nov. 2013

EM DISCURSO na assembleia geral da ONU, Dilma condena espionagem americana. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/em-discurso-na-assembleia-geral-da-onu-dilma-condena-espionagem-americana-10118779>**.** Acesso em 03 nov. 2013

EU ESPIONO, tu espiona, nós espionamos. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/eu-espiono-tu-espionas-nos-espionamos>**.** Acesso em 03 nov. 2013

OBAMA manda espionar internautas e grampear milhões de norte americanos. Disponível em <http://www.esmaelmorais.com.br/2013/06/ate-obama-manda-espionar-internautas-e-grampear-milhoes-de-norte-americanos/ >**.** Acesso em 03 jan. 2014 (comentário 01e 04)

PARA especialistas crítica de Dilma foi reposta a opinião pública brasileira. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2013/09/24/para-especialistas-critica-de-dilma-a-espionagem-foi-resposta-a-opiniao-publica-brasileira.htm>**.** Acesso em 02 nov. 2013